

CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita

Reunião 13 de agosto de 2016 – São Paulo/SP

Tema: O ESPIRITISMO E A (IN)TOLERÂNCIA NO SÉCULO XXI

Jailson Lima de Mendonça - Santos/SP

A partir das apresentações e discussões que ocorreram durante o 10º Fórum Espírita do Livre-Pensar da Baixada Santista, ocorrido em Santos em abril de 2015, e cujo tema central foi O Espiritismo e o Problema da Intolerância, que limitou sua abordagem ao sectarismo político, a intolerância religiosa e o cientificismo, pensamos em tratar desta questão de uma forma mais geral, de modo a proporcionar mais uma reflexão sobre o assunto e especialmente como o Espiritismo e os espíritas podem contribuir em relação ao mundo que estamos vivendo, nossa relação com os mais próximos e os outros indivíduos, mundialmente falando.

Chegamos ao século XXI com a impressão de ter havido um retrocesso no comportamento e entendimento humano no que tange a sua relação com o outro, e isto nos causa uma particular angústia ao lembrarmos o ensinamento espírita de que o espírito está em evolução permanente e que este não retrograda.

Inicialmente conceituamos os termos básicos do tema proposto (globalização, tolerância e intolerância) com o intuito de contextualizar e significar os mesmos.

Também colocamos em discussão o quanto o processo de globalização tem influenciado, positivamente ou não, as transformações na ordem política, econômica, social e cultural mundial e conseqüentemente como os espíritas se posicionam em relação ao mesmo.

Ao longo da história da humanidade foram inúmeros os casos onde uma atitude intolerante levou a verdadeiras tragédias, mas vemos na atualidade, já no século XXI, as atitudes de intolerância mais extremas, como o racismo e o sexismo serem reprovados abertamente, mas estas mesmas atitudes se reproduzem em outras áreas de um modo mais velado, podendo revestir formas de deboche ou desqualificação.

Portanto, vemos que a intolerância está enraizada em nosso ser, introjetada em nossa mente. Ela se manifesta tanto nas grandes questões que envolvem disputa políticas e territoriais, mas também em nossos costumes e na forma como encaramos o *diferente*.

Atualmente, no mundo, ocorrem dezenas de conflitos, quase todos armados, que direta ou indiretamente estão relacionados à intolerância contra a diversidade cultural e interesses econômicos, mas há a violência cotidiana com o desrespeito a todo tipo de direitos humanos. Neste contexto, vemos que não é fácil nos situarmos e encontrar soluções para se obter a paz ou um pouco de harmonia, mas essas com certeza deverão passar pelo diálogo e um possível processo de espiritualização, quem sabe ainda neste século XXI.

Primeiramente consideramos importante que sejam conceituados os termos básicos do tema proposto com o intuito de clarear em que contexto e significado estamos falando.

Globalização

Iniciamos com o termo **Globalização**¹ – um conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial visíveis desde o final do século XX. Trata-se de um fenômeno que criou pontos em comum na vertente econômica, social, cultural e política, e que consequentemente tornou o mundo interligado, uma Aldeia Global. O processo de globalização é a forma como os mercados de diferentes países interagem e aproximam pessoas e mercadorias. A quebra de fronteiras gerou uma **expansão capitalista** onde foi possível realizar transações financeiras e expandir os negócios - até então restritos ao mercado interno - para mercados distantes e emergentes.

O complexo fenômeno da globalização teve início na Era dos Descobrimentos e se desenvolveu a partir da Revolução Industrial. Foi resultado da **consolidação do capitalismo**, dos grandes avanços tecnológicos (Revolução Tecnológica) e da necessidade de expansão do fluxo comercial mundial. As inovações nas áreas das Telecomunicações e da Informática (especialmente com a *Internet*) foram determinantes para a construção de um mundo globalizado. O neoliberalismo, que ganhou força na década de 1970, impulsionou o processo de globalização econômica.



¹ Conceitos.com : <http://conceitos.com/intolerancia/#ixzz3mKaoAShn>

A globalização não existe só na economia mundial, também é possível ver a sua marca em outras atividades, inclusive as ilegais como a prostituição, pedofilia, tráfico de drogas, armas e animais, aumento de organizações criminosas, "lavagem de dinheiro" e consequente aumento dos "paraísos fiscais".

Como muitos outros fenômenos de elevada complexidade, a globalização apresenta pontos positivos e negativos.

José Rodrigues 2, no texto escrito para XIV Conferência Regional da CEPA (2002), explica que:

“O Espiritismo é uma doutrina de atualidade para o mundo. A obra de Allan Kardec, apresenta, por seu caráter universalista, equidistante de crenças, castas e cores, de ideologias transitórias, um conteúdo conciliador, porém, de extrema exigência, que é a visão imortalista e evolutiva da vida, com suas repercussões no chamado mundo corpóreo. Não há negar que a humanidade tenha deixado de subir degraus na escalada do tempo, em direção à igualdade e à justiça, em sua visão ampla. A realidade palingenésica da vida, coloca os espíritos como herdeiros de si mesmos, em construção contínua no campo individual e social. Mas é tempo de se ampliar esse conhecimento, libertando-o dos respingos de seita e de uma visão metafísica, no estrito sentido de culto aos mortos, interesseiro e sancionador de privilégios.

Deixe-se claro e até transparente, que o conteúdo espírita não é obstáculo à globalização. Como processo histórico e natural, tem seu curso como reflexo de intenções de pessoas ou países, cujo conjunto os qualifica no sentido conservador ou progressista. Totalitarismos, de um lado ou outro, têm sido varridos pela força do progresso, e continuarão a sê-lo. Pode-se até afirmar que Allan Kardec possuía ideias globalizantes e não poderia ser de outra forma, em se tratando de uma filosofia de bases naturais, com espíritos se comunicando em vários países, sob plataformas de igualdade e justiça. Tal se observa, por exemplo, no texto de **O Evangelho Segundo o Espiritismo** (1864), no comentário sobre a utilidade providencial da riqueza”.

Tolerância

Tolerância é um termo que vem do latim "*tolerare*" que significa "suportar", "aceitar". A tolerância é o ato de indulgência perante algo que não se quer ou que não se pode impedir.

A tolerância é uma atitude fundamental para quem vive em sociedade. Uma pessoa tolerante normalmente aceita diferentes opiniões ou comportamentos diferentes daqueles estabelecidos pelo seu meio social. Este tipo de tolerância é denominada "tolerância social".

2 O Espiritismo Frente à Globalização e ao Neoliberalismo. José Rodrigues (02/2003)

O dia 16 de Novembro foi instituído pela ONU (Organização das Nações Unidas) como o Dia Internacional para a Tolerância. Esta é uma das muitas medidas da ONU no combate à intolerância e não aceitação da diversidade cultural.

Na Medicina, o termo "tolerância medicamentosa" é utilizado para designar a capacidade de um indivíduo para suportar determinados medicamentos. A tolerância a uma medicação pode diminuir em consequência da utilização em excesso do mesmo medicamento.

A expressão "tolerância zero" é utilizada para definir o grau de tolerância a uma determinada lei, procedimento ou regra, de forma a impedir a aceitação de alguma conduta que possa desviar o que foi previamente estabelecido. Por exemplo, "tolerância zero a motoristas embriagados".

Intolerância

Denomina-se **intolerância** ao ato de depreciar uma pessoa por causas de suas orientações políticas, religiosas, sexuais, etc. Esta ação não constitui necessariamente um crime em todos os casos, embora certamente se aproxime desta circunstância. Ao longo da história da humanidade foram inúmeros os casos onde uma atitude intolerante levou a verdadeiras tragédias.

A atitude intolerante pode ser identificada como uma deficiência, e neste sentido, são poucos os que podem sentir-se isentos totalmente deste defeito. Isto não significa coincidir com todas as crenças, atitudes ou ações de uma pessoa, mas simplesmente evitar levar esta diferença a nível pessoal.

Os estados, como conhecemos hoje, foram formados com o intuito de proteger grupos sociais, identificados por etnias e por afinidades, com a fixação de fronteiras, muralhas e limites, inclusive sociais.

A intolerância em certas ocasiões pode ser revestida de formas perigosas como a discriminação racial. Desde a escravidão em tempos antigos até o Ku Klux Klan houve inúmeros exemplos lamentáveis. No entanto, o perigoso se evidencia quando estas atitudes se promovem no Estado. Assim, o nazismo na primeira metade do século XX que levou à morte milhares de judeus, ou a apartheid sul-africana vigente até o ano de 1992, são claros os exemplos onde o racismo não era apenas tolerado, mas justificado e promovido pelas leis.

Em relação ao aspecto religioso, nos casos mais extremos, podemos citar as guerras, sejam declaradas ou não declaradas, como as guerras desenvolvidas na Europa durante o século XVI e XVII ou na chamada Guerra Santa. Também se deve destacar a perseguição realizada da postura atea pela união Soviética àqueles que professavam um credo religioso.

Na atualidade, as atitudes de intolerância mais extremas, como o racismo e o sexismo se reprovam abertamente, mas estas mesmas atitudes se reproduziram em outras áreas de um modo mais velado, podendo revestir formas de deboche ou desqualificação.



Holgonsi Soares Gonçalves Siqueira³, diz que “O não reconhecimento do "Outro" como ser humano pleno, com os mesmos direitos que os nossos, tem dado muito espaço na pós-modernidade para a xenofobia e o racismo, as guerras étnicas, a segregação e a discriminação baseadas na raça, na idade, na etnia, nas questões sexuais, de gênero ou na classe social, resultando isto em altos graus de violência.

Em um contexto de "relações sociais intensificadas", o multiculturalismo é a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz com e através dos fluxos globalizantes, modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar.

De um lado, destaca-se um multiculturalismo de cunho conservador, que busca a conciliação das diferenças com base no mito da harmonia. Esta construção ideológica nega que as relações entre as comunidades pós-modernas são marcadas por antagonismos e conflitos, reiterando os estereótipos e estigmas que recaem sobre as chamadas "minorias" (que as vezes tornam-se majorias), e coloca-nos frente a uma concepção estática de cultura.



³ "Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro?", Holgonsi Soares Gonçalves Siqueira, * Publicado no Jornal "A Razão" em 26.06.2003

Embora os microgrupos hoje tenham maior expressão, liberdade e possibilidades de se manifestar, o paradigma da hegemonia na pós-modernidade continua sendo o homem branco, rico e heterossexual, os que estão fora deste paradigma ainda são considerados "minorias", enfrentando discriminações, ou no máximo sendo tolerados.

Aprender a conviver significa respeito e abertura para relações com jogos de linguagem que representam uma heterogeneidade muito grande de elementos sociais, políticos e culturais.

O "aprender a conviver" diz respeito portanto a habilidade pessoal de permitir a aproximação e não o afastamento do Outro, através do interesse, da escuta, do diálogo, da empatia por formas alternativas de vida, etc., tendo sempre por base que o envolvimento com a diferença tornou-se um pré-requisito da vida democrática na globalização pós-moderna.

A condição pós-moderna realçou os questionamentos sobre as diferenças, colocou o Outro como alguém que, mesmo vivendo de forma diferente, pode/deve ser reconhecido como "nós", e acentuou a flexibilidade como uma categoria política central para pensarmos sobre as mudanças que devemos proceder. Se a conversa franca/autêntica com o Outro ainda não se tornou realidade, então se torna mais urgente ainda a necessidade dos espaços educativos pós-modernos refletirem-na como possibilidade, afinal, a efetivação desta conversa envolve uma negociação muito complexa.

Em um texto intitulado de “As duas faces de uma mesma moeda: tolerância e intolerância”⁴, que reproduzimos aqui, Ivone Gebara discorre interessantemente sobre esta questão:

“Espontaneamente cada um de nós sabe o que é ser tolerante ou intolerante. Usamos esta palavra quer como verbo, substantivo ou adjetivo em diferentes situações de nosso dia a dia. Porém, poucas vezes paramos para refletir sobre ela e, sobretudo refletir sobre nossa capacidade pessoal de produzirmos comportamentos intolerantes. As palavras são expressões de nossa própria realidade humana, de suas contradições e de sua beleza.

A origem da palavra tolerância vem do latim - *tolerare* – que significa acolher alguém, ser suporte, ser indulgente para com os outros. Mas, este significado aparentemente positivo não se manteve tal e qual. Percorreu uma longa história marcada por diferentes situações históricas e culturais que foram introduzindo nuances e conteúdos diferentes ao conteúdo inicial. Por exemplo, no século XIII, Tomás de Aquino identificou a palavra tolerância com a virtude da paciência, visto que, dada a nossa imperfeição comum, temos que nos esforçar em ser tolerantes ou pacientes uns

4 Para Tempo e Presença, Ivone Gebara, filósofa e teóloga, outubro de 2008.

com os outros. Nos séculos XVI e XVII, com a Reforma Protestante começou-se a falar de tolerância religiosa como atitude necessária para a convivência entre católicos e protestantes. No século XIX, na França e depois em outros países do mundo, se falava das “casas de tolerância”, que eram casas de prostituição em que comportamentos sexuais que fugiam aos comportamentos admitidos pela sociedade eram tolerados.

As palavras tolerância e intolerância são igualmente usadas na medicina para indicar a aptidão que um organismo tem para tolerar ou não um medicamento ou um alimento. A química pode ser tolerável ou intolerável podendo levar o paciente a morte ou a cura de seus males.

Poderíamos continuar buscando os diferentes significados, usos e costumes em torno das palavras tolerância e intolerância. Entretanto, depois desta breve introdução mostrando a multiplicidade de seus significados, julgo importante tentar trazê-las para nossa vida pessoal para entender alguns dos mecanismos que nós mesmos criamos em relação às outras pessoas ou a certas situações. Tolerantes e intolerantes não são apenas os outros que julgamos assim, mas somos nós mesmos. A tolerância e a intolerância são relações que se estabelecem entre pessoas na linha de uma reciprocidade negativa. E não são apenas frutos do momento, mas são construídas ao largo de nossa história cultural. Por isso se pode fazer a história da intolerância religiosa ou a história da intolerância étnica e assim por diante.

Sabemos bem que no cotidiano de nossa vida a palavra tolerância e sua contrária, a intolerância, são palavras acompanhadas de uma carga emocional muitas vezes negativa. É como se ao afirmarmos a palavra tolerância já sentíssemos uma emoção negativa invadindo nosso próprio corpo. É como se um peso ou uma carga se impusesse a nós e modificasse até o nosso equilíbrio psíquico e o nosso humor. E, nessa dinâmica, pode ocorrer que busquemos aliados às nossas emoções e que passemos a ter emoções coletivas em relação a este ou aquele grupo de pessoas. Somos capazes de abandonar qualquer reflexão ou qualquer racionalidade e cometer crimes de intolerância. Tudo se passa como se a irritação provocada pelo outro ou pelos outros fosse capaz de excitar em nós zonas de violência de certa forma desconhecidas, a ponto de fugirmos ao controle do bom senso e ao respeito devido a uma vida em sociedade. Já não é mais a humanidade solidária que vive em nós, mas a violência irracional capaz de tirar a vida daqueles que se tornaram de certa forma objetos de nossa intolerância. Já não reconhecemos o próximo como nosso semelhante e passamos a odiá-lo a partir das diferenças que apontamos nele. Os jornais e os noticiários abundam em fatos ou em delitos de intolerância dos mais diferentes tipos.

Para tentar apaziguar a irrupção das diversas formas de violência em nós tentamos falar da necessidade da tolerância. A partir dessa situação seu sentido toma uma forma particular em nós. Assim, tolerar alguém ou um grupo requer um esforço emocional para além do habitual. Tolerar significa aqui ter que agüentar o outro diferente, o outro com suas crenças, sua linguagem, seus costumes, seu tom de voz, sua sexualidade, suas exigências que no fundo me ameaçam ou agridem. Tolero para não eliminar o outro, para não riscá-lo de minha existência. Tolero porque acredito

que é necessária certa civilidade para a convivência humana e porque nossa fragilidade e limitação comum assim o exigem. Mas, espontaneamente o que vem à tona é a vontade de eliminar o outro ou ao menos de calar-lhe a voz ou submetê-lo à minha vontade ou ameaçá-lo com uma punição que julgo merecida ou simplesmente busco sair do círculo da convivência comum. Não tenho nenhuma atitude positiva em relação a ele. Não quero conhecê-lo, nem saber de sua história, nem de seus sofrimentos e nem de seus sonhos e buscas.

Tolero para não eliminar os outros ou o outro que me molesta por sua maneira de existir ou simplesmente por sua existência em minha circunstância. Tolero porque o outro se apresenta talvez como aquele que eu não gostaria que estivesse em minha história e tenho que conviver com ele apesar dos pesares. Tolero porque intuo às vezes que o outro do qual me afasto é em parte minha sombra, meu rosto oculto, a expressão negada de meu próprio eu. A tolerância nesse sentido já nutre as raízes da intolerância.

No processo de intolerância/tolerância o centro é sempre o eu individual e coletivo ou aquilo que julgamos talvez imprópriamente como sendo o nosso eu. É o eu que tolera um outro eu ou o eu que é intolerante com outro eu e com tudo o que ele significa. Há uma relação íntima entre pessoas que se toleram e pessoas que são toleradas. No fundo um é o outro. Desta forma, a intolerância não é apenas um processo que se passa no interior da subjetividade humana, mas se manifesta em comportamentos públicos pessoais e grupais de uns para com os outros. Há uma irracionalidade, uma razão sem razão em todos os processos de tolerância e intolerância.

Uma frase do Evangelho de Jesus me vem à memória: “Por que vês a palha no olho de teu irmão e não vês a trave em teu próprio olho?” (Mateus 7,3) Ou, em outros termos, por que somos capazes de apontar o limite do outro e de certa forma desculpar-nos de nosso próprio limite? Por que mantemos hierarquias de diferentes tipos entre nós e os outros?

Criamos um mar de discórdias entre nós e pouco a pouco vamos desacreditando de nossas possibilidades de respeito e solidariedade. Instauramos o inferno das guerras étnicas, das guerras entre os sexos, das guerras religiosas!

Para muitos de nós a descrença na capacidade humana de desenvolver relações de justiça e igualdade está se tornando moeda corrente. “O homem lobo para o homem” tem se tornado uma conduta comum de vida. Fechamo-nos, defendemo-nos e nos atacamos mutuamente num acirramento de identidades étnicas, sexuais, religiosas cada uma tentando afirmar algo de nós, mas nenhuma suficiente para dar razão à nossa desumanidade.

A tolerância e a intolerância são na realidade duas faces da mesma moeda. Mas, qual é a moeda? É a moeda da mentira, a moeda falsa, enferrujada por dentro e pintada de ouro por fora. É a moeda enganosa que cria ilusões sobre o poder humano e sua capacidade de dominar a terra e seus habitantes. É a moeda que se tornou mediação das relações humanas cada vez mais sem alma, isto é, sem a honestidade da

verdade da interdependência que nos permite existir. Moeda que nada mais é do que uma ilusão passageira, ilusão altamente destrutiva de todas as vidas.

A partir de nossos sonhos queremos restaurar a moeda das trocas diretas, a moeda capaz de ser farinha e pão, água e vinho, cuidado com a terra e todos os seus habitantes. A moeda da ecologia da terra e da ecologia humana capaz de apostar na força de nossa diversidade e no respeito a ela como único caminho para manter a vida viva.

As palavras tolerância e intolerância poderiam ter assim gradativamente seu significado original restaurado. Poderiam ser convite cotidiano para que sejamos apoio para os outros, paciência e perdão. E quando o vírus da intolerância se manifestar de novo, sermos capazes de lembrar que palhas e traves existem em todos os olhos, mas que além delas existe a beleza do olhar ou existe simplesmente a misteriosa e frágil chama da vida em cada um de nós”.

Como visto, em geral, o conceito de tolerância, está relacionado a uma atitude antipática da não aceitação de fato e espontânea do outro, porque é visto como suportar alguém, que rejeito ou não gosto.

Uma das maiores riquezas da humanidade é a sua heterogeneidade, e cujos diversos elementos culturais de cada sociedade devem ter um respeito recíproco, mas quando numa sociedade existem certas ideias de "superioridade" da sua cultura, é frequente surgirem atitudes de xenofobia e de racismo relativamente a certas subculturas ou etnias, nomeadamente relacionadas com as populações imigrantes.

Há tanta intolerância no Brasil, como em qualquer outro lugar no mundo, por conta de diferenças que herdamos das tradições culturais e que deixaremos para a posteridade, se não utilizarmos do bom senso e razão para corrigir os desvios e melhorar nossa relação com o outro.

O Brasil é um país que conseguiu integrar linguisticamente seu território, mas não o desconforto entre os próprios brasileiros. Vemos muitas propostas políticas para se combater o racismo, o preconceito religioso e a homofobia, mas basta estarmos em uma conversa informal que percebemos que a intolerância está enraizada em nossa cultura. Resquícios da formação de uma sociedade escravista, preconceituosa e paternalista.

A intolerância tem um fundamento irracional, mas também racional. Em nome da segurança, o homem aceita racionalmente a intolerância do Estado contra outros povos e culturas – tomados em geral como um todo homogêneo que ameaça a ordem interna.

A intolerância está enraizada em nosso ser, introjetada em nossa mente. Ela se manifesta tanto nas grandes questões que envolvem disputa políticas e territoriais, mas também em nossos costumes e na forma como encaramos o *diferente*.

Atualmente, no mundo, ocorrem dezenas de conflitos, quase todos armados, que direta ou indiretamente estão relacionados à intolerância contra a diversidade cultural e interesses econômicos, mas há a violência cotidiana com o desrespeito a todo tipo de direitos humanos. Neste contexto, vemos que não é fácil nos situarmos e encontrar soluções para se obter a paz ou um pouco de harmonia, mas essas com certeza deverão passar pelo diálogo.

Esses questionamentos nos levam às definições sobre éticas mínimas (ou de justiça) e éticas máximas (ou de felicidade), que no pensamento de Adela Cortina ⁵, podem ser ensaiados a partir de cinco valores: igualdade, liberdade, solidariedade, tolerância e diálogo. Esses valores – e/ou atitudes e/ou práticas – são, ao mesmo tempo, clamores de justiça e convites de felicidade.

Portanto, a Tolerância tem relação com nossa capacidade de aceitar o diferente, mesmo que não ainda o compreendamos plenamente; tem a ver com a humildade de se admitir que necessariamente a verdade esteja do nosso lado, que minhas opções sejam as melhores e mais corretas.



Somos um mundo de pessoas diferentes, com opiniões distintas, culturas múltiplas. E neste mundo onde ninguém é igual, a falta de respeito causaria um caos geral, onde ninguém e todo mundo ao mesmo tempo seria o dono da verdade.

Além disso, a intolerância é a grande causadora de guerras, mal-entendidos, ódio, egoísmo, preconceitos... O caos humano que vivemos hoje tem sua grande justificativa na intolerância. Alguns acreditam que é através do respeito mútuo que o mundo finalmente alcançaria a paz. E é por isso que ela é importante para todos nós, pois a paz é um desejo em comum de todos os seres humanos.

⁵ Adela Cortina, filósofa espanhola e pesquisadora